

Psicanálise&Barroco em revista

(ISSN:1679-9887)

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista

Editorial – Revista v. 12 n. 02

Chegamos ao segundo número da décima segunda edição de nossa revista, e apresentamos nossos leitores com uma edição recheada de belos artigos!

Abrimos nossa edição com o artigo “A psicanálise e a construção de uma nação moderna: A apropriação médico-higienista”, de Luciana Cavalcante Torquato, que discute a entrada na psicanálise no Brasil atrelada a um discurso médico-higienista, incompatível com a proposta freudiana. Por essa vertente, a psicanálise surge atrelada às demandas correntes da *intelligentsia* nacional em seu esforço de construção do projeto de nação que ecoava no país desde o final do século XIX. Tal contexto esteve profundamente marcado pela discussão de projetos para a nação brasileira com o intuito de modernização do Brasil, erguendo-o à condição de país civilizado. Na fileira desse projeto de modernização, a medicina psiquiátrica apresenta-se como uma das vias de incorporação das ideias freudianas para o aperfeiçoamento de sua prática clínica, diagnóstica e nosográfica, empreendendo uma leitura reformista e universalizante da psicanálise. Contudo, Freud nos aponta a dimensão da castração como o pilar de sustentação da subjetividade e da psicanálise, o que evidencia a impossibilidade de se pensar e utilizar a psicanálise como uma pedagogia normatizante e universalista.

Na sociedade contemporânea percebemos o retorno do discurso higienista sobre a subjetividade, o que tem se evidenciado, por exemplo, nas políticas públicas voltadas a dependência química. Nessa perspectiva, Marcela Serrat Freire discute, no artigo “O alienado e o alienista: aliena-se uma questão” sobre a política de atenção ao usuário de álcool e outras drogas levando em conta a obra *O Alienista* de Machado de Assis e a história de Louis Althusser, associando internação compulsória ao destino da impronúncia como uma sentença definitiva, algo que encarcera o sujeito, sem ao menos dar-lhe o direito à resposta. Aborda em especial a exclusão que tem recaído sobre o usuário de drogas, em suas múltiplas vertentes: encarceramento, longas internações, e mesmo a lógica do afastamento como forma de resolução à questão do uso e abuso de substâncias psicoativas.

A medicalização cada vez mais indicada para o mal estar da alma, segue na vertente da normatização. Renata Andrade e Roberto Calazans tratam do tema no artigo

“Medicalização e terceira idade: a questão da depressão”. O texto discute o processo medicalizante que tem se instalado na sociedade atual, o qual assume como de natureza biológica toda e qualquer queixa e torna irrelevante as vivências psíquicas e a história do sujeito. Esse processo se expande por todos os momentos do existir, marcando sua presença de forma característica ao se tratar da terceira idade, quando o sujeito tem uma bagagem de sentimentos e perdas maiores e requer maior elaboração de um trabalho de luto. Esses fatores, quando vinculados à depressão, podem ser tratados a partir de dois pontos de vista: o medicalizante, que enxerga o ser apenas enquanto paciente, cujo apoio praticamente exclusivo em medicamentos objetivando a remissão de um sintoma é evidente. Ou ainda, o ponto de vista psicanalítico, em que o sujeito está em primeiro lugar, baseando-se na noção de sujeito e evidenciando seus desejos, dificuldades e conflitos.

Ainda discutindo o entrecruzamento entre a subjetividade e um discurso que se pretende válido para todos, apresentamos o artigo “Sobre a formação do psicanalista: entre o movimento psicanalítico e a institucionalização da psicanálise” de Joana Souza. O desejo de saber de Freud tornou-se o ponto de partida para a construção do campo psicanalítico, estando esse campo ligado à dimensão da experiência singular vivida por seu criador. Do mesmo modo, só há um analista se ali vigora um desejo, nesse sentido, a autora discute a questão da institucionalização da psicanálise e os impasses que se colocam à questão da formação do analista a partir do momento em que os critérios estabelecidos para sua transmissão podem assumir um caráter de fixidez.

Também tratando da transmissão da psicanálise, Vitor Ferrari, no artigo *Le sujet entre vérité et réalité* faz uma apresentação dos conceitos de realidade e de verdade, salientando a fecundidade de sua não coincidência para a psicanálise. Para o sujeito é impossível o acesso a uma realidade puramente objetiva e empírica. Tal distinção é prenhe de conseqüências para pensarmos a ciência, assim como o próprio lugar da psicanálise na Universidade.

Seguindo na articulação entre subjetividade e cultura, o artigo “Perspectivas sobre memória social” de Daniele Achilles Dutra da Rosa, aborda a memória como instrumento de poder. Apresenta a concepção de memória social essencialmente caracterizada na obra de Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Andreas Huyssen, utilizando, contudo, também outros pensadores, como Foucault, para complementar tais reflexões. Em Halbwachs aborda a memória social como estabelecida a partir das referências e lembranças que constituem uma memória coletiva própria ao grupo. Em Nora enfatiza a dialética entre a memória e a história,

ressaltando o conceito de “lugares de memória”, e em Huysen destaca as possibilidades criativas da memória. Conclui concebendo a memória como produção de subjetividade, que é permeada por relações de poder, como ressalta Foucault.

Consagrando a tradição de nossa revista, de articular psicanálise e arte, apresentamos ainda uma série de artigos que abordam a literatura e a pintura como uma forma de discutir a subjetividade e a relação com seu sofrimento.

O artigo “Redesenhando o menino: o real, o imaginário e o simbólico em Clarice Lispector”, de Humberto Moacir de Oliveira, discute o processo de subjetivação em suas vertentes real, simbólica e imaginária a partir do conto “Menino a bico de pena”, da escritora e jornalista Clarice Lispector. Os registros sugeridos por Lacan para pensarmos o sujeito (real, simbólico e imaginário) serão destacados e analisados a partir de três elementos fundamentais do conto: o menino, o retrato de O Menino e a mãe. A análise do conto encontra-se impregnada pela arte da escritora que revela sutilmente os sacrifícios e as possibilidades envolvidas na passagem de uma pura existência ao que ela chama de vida.

O artigo de Mariana Rodrigues Festucci Ferreira, “Entre a arte e a psicanálise: a melancolia em Edvard Munch”, faz uma interlocução entre os campos da arte e da psicanálise discutindo o *pathos* a partir da “dor de existir” em Edvard Munch. É sabido que a “dor de existir” está presente em todas as estruturas psíquicas, mas ela é entoada em potência máxima pelo melancólico. Em Edvard Munch, “a dor de existir” é o componente fermentador da sua própria vida, e de sua expressão artística.

Em “Escritores criativos e a passagem ao ato suicida”, de Lenita Vilafâne Gomes Bentes a autora aborda alguns escritores, em especial Stefan Zweig e Virgínia Woolf, para considerar os limites e a eficácia da função da escrita. Não há escritores suicidas, mas escritores que se suicidam. Não tendo mais o que esperar da linguagem, o sujeito perde o enquadramento fantasmático e lança-se fora dos muros da vida, donde diversos autores produzem uma “escrita terminal”, uma espécie de carta do suicida, último apelo à linguagem. Assim, uma vez ultrapassados os limites impostos pela escrita, rompem definitivamente com o laço com o Outro.

Na mesma direção, o artigo “Entre a vida e a obra: o silêncio de Rimbaud”, de Marcelo Gonçalves Campos empreende uma leitura psicanalítica do entrelaçamento da vida e da obra do poeta francês Jean-Nicholas Arthur Rimbaud, e investiga seu silenciamento literário, que abandonou a poesia aos dezenove anos de idade. O autor se vale de dados da biografia de Rimbaud e de sua produção escrita (literária e epistolar), articulando-os às

formulações freudianas sobre a fuga e a negação, e à contribuição de alguns autores que se debruçaram sobre a questão da inter-relação ‘vida – obra literária’, no intuito de compreender as particularidades e desdobramentos da renúncia literária de Rimbaud.

Carla Cervera Sei nos apresenta em seu belo artigo, “A escrita como marca do sujeito”, um recorte da obra literária “Infância”, de Graciliano Ramos – obra na qual o autor conta das suas primeiras incursões pela escrita, marcadas pela fala violenta do pai – , discutindo a partir dela o lugar que a aprendizagem da escrita pode ter para o sujeito. Desde a psicanálise, aprender a escrever não se trata apenas de aprender uma técnica que faz corresponder um som a um signo. Há um caminho subjetivo a se percorrer. O sujeito é constituído a partir das marcas psíquicas nele inscritas e é a partir destas marcas que ele irá marcar o papel. Graciliano, ao fazer uso da escrita como uma linguagem, pode expressar suas angústias, suas fantasias, seus personagens e a si mesmo. Pode tramar palavras e compor histórias. Pode habitar o papel, colocar coisas próprias nele, pode, enfim, deixar sua marca.

O artigo “Imagem a perder de vista: Algumas contribuições acerca da noção de imagem enquanto representação”, de Ariane Santellano de Freitas e Luís Fernando Lofrano de Oliveira discute de que modo a noção de imagem tem sido habitualmente associada às questões visuais, havendo a retirada de algumas de suas características peculiares de cena, a saber, o seu processo de representação e sua formação inconsciente. O estudo parte da **construção** da imagem de acordo com a obra do crítico de arte Didi-Huberman, trazendo à baila o lugar do olhar nesse ensejo; avançando até Freud, no qual o entendimento de imagem tem estreita ligação com o inconsciente, bem como um conceito enquanto representação é desenvolvido. Por fim, a referência à fala de um sujeito cego acerca do belo propicia um enlace com discussão teórica proposta, vislumbrando novas possibilidades de construção da imagem, pois a **suspensão do visual possibilita novos contornos aos objetos que se apresentam.**

No artigo intitulado “Os mecanismo psíquicos do ciúme da psicanálise”, Drielle Vieira e Nilda Sirelli se valem do complexo de Édipo e da teoria do narcisismo proposta por Freud para discutir os mecanismos psíquicos em jogo na constituição do ciúme. Pelo complexo de Édipo as autoras apontam a disputa pelo objeto de amor, que instaura a rivalidade com o suposto par-rival, donde o sujeito supõe que outro tem o que lhe falta, e logo, o que o seu objeto de amor deseja, lançando no seu par-rival seu próprio Ideal. Mecanismo de tamponamento da falta, pois o sujeito supõe uma impotência, um infortúnio individual, lançando no seu rival a suposta completude que lhe falta, quando na verdade o que está em jogo é o impossível, pois, o objeto que satisfaria está perdido para todos, como condição do desejo.

Só há desejo se há falta, condição ressaltada no artigo “O desejo e a lei”, de Juliana Bartijotto. A autora evidencia, através do ensino de Lacan, que para psicanálise o desejo só existe a partir da inscrição da falta e da Lei no simbólico, o que equivale dizer que o desejo não existe sem a Lei. A autora aponta que tal enunciado é sustentado pela concepção lógica do grafo do desejo e dos três tempos do Édipo, no qual se evidencia que a verdadeira função do Pai simbólico é unir e, não, opor o desejo à Lei. No entanto, há um impasse em que o sujeito permanece dividido entre o gozo e o desejo. Pois, o sujeito dividido, ao mesmo tempo em que almeja um gozo, não o quer, pois, para sustentá-lo é necessário ocupar o lugar de objeto do Outro e a fixação nesse lugar implica o desaparecimento do sujeito desejante. Paradoxo necessariamente implicado na constituição subjetiva.

Assim, tal como o ano novinho em folha que se inicia, lançamos esse novo número convidando a todos a se deliciarem com essa edição saído forno ‘agorinha’. Boa leitura!

© 2014 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanalisebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanalisebarroco.pro.br / www.psicanalisebarroco.pro.br/revista